

2º CICLO DE MESTRADO EM CUIDADOS PALIATIVOS  
CUIDADOS PALIATIVOS

# **Grupos de apoio a doentes e familiares/cuidadores informais em cuidados paliativos: uma revisão integrativa**

Ana Luísa Leão de Albuquerque Ferreira

2020



Ana Luísa Leão de Albuquerque Ferreira

SUPPORT GROUPS FOR PATIENTS AND  
FAMILY MEMBERS/INFORMAL CAREGIVERS IN  
PALLIATIVE CARE: AN INTEGRATIVE REVIEW

GRUPOS DE APOIO A DOENTES E  
FAMILIARES/CUIDADORES INFORMAIS EM  
CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO  
INTEGRATIVA

2º CICLO DE MESTRADO EM CUIDADOS PALIATIVOS

ÁREA: CUIDADOS PALIATIVOS  
TIPOLOGIA: DISSERTAÇÃO

TRABALHO EFETUADO SOB ORIENTAÇÃO DE:  
PROFº DRº EDUARDO CARQUEJA



## RESUMO

Os cuidados paliativos têm como filosofia afirmar a vida e encarar a morte como um processo normal; não apressar nem adiar a morte; procurar aliviar a dor e outros sintomas angustiantes. Esse estudo buscou analisar a produção científica sobre a utilização de grupos de apoio para doentes em cuidados paliativos e seus familiares/cuidadores informais, com a intenção de descobrir exemplos das práticas em grupo e possíveis benefícios aos participantes, dentro do contexto da saúde. Como metodologia, foi preferível a realização de uma revisão integrativa, sendo elaborado uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória com abordagem qualitativa, pretendendo sumarizar pesquisas já concluídas e obter explicações a partir de um tema de interesse. Foi reconhecido que a presença em grupos de apoio pode ser substancial para a organização psicológica de utentes e seus familiares/cuidadores informais, na conjuntura de cuidados paliativos. Sendo capaz de influenciar diretamente os indivíduos a um melhor usufruto da vida em toda sua plenitude.

**Palavras chave:** Cuidados Paliativos, Auto-ajuda, cuidadores informais, grupos de apoio, apoio em fim de vida.

## ABSTRACT

Palliative care has the philosophy of affirming life and facing death as a normal process; do not rush or postpone death; seek to relieve pain and other distressing symptoms. This study sought to analyze the scientific production on the use of support groups for patients in palliative care and their families / informal caregivers, with the intention of discovering examples of group practices and possible benefits to participants, within the context of health. As a methodology, it was preferable to carry out an integrative review, with a bibliographic research of an exploratory nature with a qualitative approach being elaborated, aiming at summarizing research already completed and obtaining explanations from a topic of interest. It was recognized that the presence in support groups can be substantial for the psychological organization of users and their families / informal caregivers, in the context of palliative care. Being able to directly influence individuals to better enjoy life in all its fullness.

**Keywords:** Palliative Care, Self-help, Informal Caregivers, Support Groups, End-of-life Support.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Distribuição de estudos encontrados na base de dados Pubmed conforme combinação dos descritores .....	14
<b>QUADRO 2:</b> Distribuição de estudos encontrados na base de dados Scopus conforme combinação dos descritores .....	15
<b>QUADRO 3:</b> Distribuição de estudos encontrados na base de dados Web of Science conforme combinação dos descritores .....	16
<b>QUADRO 4:</b> Caracterização das produções científicas selecionadas quanto ao ano de publicação, título, periódico e base de dados .....	18
<b>QUADRO 5:</b> Caracterização das produções científicas quanto ao ano de publicação, autores, método de pesquisa e sujeito de estudo .....	28

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> Distribuição de estudos de acordo com as bases de dados.....	26
<b>GRÁFICO 2:</b> Quantitativo de estudos separados por ano de publicação .....	27
<b>GRÁFICO 3:</b> Quantitativo de estudos separados por temática da revista científica .....	28
<b>GRÁFICO 4:</b> Quantitativo de estudos separados por método de pesquisa .....	36
<b>GRÁFICO 5:</b> Quantitativo de estudos separados por tipo de participantes dos grupos de apoio .....	37
<b>GRÁFICO 6:</b> Quantitativo de estudos separados por característica de utentes participantes de grupos de apoio, e pessoas em fase de luto .....	38
<b>GRÁFICO 7:</b> Quantitativo de estudos (%) separados por prática de grupos focais presenciais, online ou por telefone .....	39



## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Etapas da revisão integrativa na literatura .....	13
<b>FIGURA 2:</b> Fluxograma de seleção de estudos na Pubmed .....	16
<b>FIGURA 3:</b> Fluxograma de seleção de estudos na Scopus .....	17
<b>FIGURA 4:</b> Fluxograma de seleção de estudos na Web of Science .....	18

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	8
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	8
<b>3.1 Conceito e marco histórico dos cuidados paliativos</b> .....	8
<b>3.2 Grupos de apoio: definição e utilização</b> .....	10
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	11
<b>4.1 Identificação do tema e elaboração da pergunta norteadora</b> .....	14
<b>5. RESULTADOS</b> .....	25
<b>6. DISCUSSÃO</b> .....	39
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	44



## 1. INTRODUÇÃO

Os cuidados paliativos surgiram no Reino Unido, na década de 1960 do século XX, quando foi criado o St. Christopher Hospice, em Londres, de acordo com Da Silva (2011). Surgiram como uma modalidade terapêutica, que tem por filosofia melhorar a qualidade de vida dos doentes e famílias no enfrentamento de doenças que ameaçam a vida, por meio da prevenção e alívio dos sofrimentos físicos, psicossociais e espirituais (Cardoso, Muniz, Schwartz & Arrieira, 2013). Desse modo, as práticas ao final de vida devem priorizar o melhor interesse do doente, respeitando seus sentimentos, os desejos de seus familiares e a adequada comunicação entre todos os envolvidos no processo (De Melo, Valero & Menezes, 2013).

Consoante com Hermes e Lamarca (2013), os cuidados paliativos têm como filosofia afirmar a vida e encarar a morte como um processo normal; não apressar nem adiar a morte; procurar aliviar a dor e outros sintomas angustiantes; integrar os aspectos psicológicos e espirituais nos cuidados com os pacientes; oferecer um sistema de apoio para ajudá-los a viverem ativamente o quanto possível, até à morte.

No tocante ao cuidar, especificamente com o doente acometido por uma patologia em estágio avançado e sem perspectivas de cura, a atenção e o cuidado estão direcionados em suas necessidades e limitações, uma vez que o processo de morte é irreversível e o tempo de sobrevida está restrito há dias, semanas ou meses (Fernandes et al. 2013).

De acordo com Soares (2000), o ambiente familiar é um facilitador do tratamento diferenciado ao doente, pois possibilita o surgimento de relações solidárias e responsáveis. Além disso, promove a continuidade do suporte técnico, adicionados à segurança, à companhia, cuidados, carinho e ao afeto oferecidos pela família (Fratezi e Gutierrez, 2009).

Não obstante, a experiência de cuidar de um familiar doente pode representar uma grande sobrecarga emocional, física e financeira, que afeta a qualidade de vida dos cuidadores, segundo Delalibera, Presa, Barbosa e Leal (2015). Isto posto, os cuidadores poderão apresentar ansiedade, depressão, estresse, tensão, privação de sono, redução da qualidade de vida, sentimento de impotência e desamparo. Desta maneira, torna-se indispensável que o cuidador familiar seja contemplado no cuidado prestado ao doente.

A Organização Mundial da Saúde considera o atendimento às necessidades dos cuidadores um dos principais objetivos dos cuidados paliativos. São categorizados também como utentes e necessitam de atenção, cuidado e atendimento terapêutico de uma equipe especializada (World Health Organization 2002). Um estudo de Sorato, Peres, Mitsuyuki e Drude (2010) mostrou que a existência da doença na família mobiliza sentimentos positivos e negativos que precisam ser compreendidos pelos profissionais de saúde.

As mesmas autoras apresentam também que as intervenções em grupo oferecem a possibilidade de um modelo que pode ser adaptado a diversas situações, além de propiciar o atendimento a um número maior de pessoas. O trabalho com o grupo de cuidadores permite não só a reflexão pessoal em busca de um melhor posicionamento diante dos problemas do cotidiano, mas também o fortalecimento do sentimento de fazer parte de um coletivo onde foi possível trocar experiências e verbalizar sentimentos.

Nesta perspectiva, a questão problema do estudo é: Qual a produção científica sobre a utilização de grupos de apoio para doentes em cuidados paliativos e seus familiares/cuidadores informais?

Objetivo geral:

Analisar a produção científica sobre a utilização de grupos de apoio para doentes em cuidados paliativos e seus familiares/cuidadores informais.

Objetivos específicos:

- Identificar a produção científica sobre grupos de apoio no contexto da saúde.
- Descrever a produção científica sobre grupos de apoio no contexto da saúde.



## **2. JUSTIFICATIVA**

Esse estudo foi escolhido principalmente devido minha aproximação com temas referentes a doenças que ameaçam a continuidade da vida, pela oportunidade de aprofundar meu conhecimento em cuidados paliativos durante intercâmbio realizado na Espanha, e pela participação na Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO) durante licenciatura na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), na qual também pude realizar práticas relacionadas aos cuidados paliativos. Durante as diversas experiências acadêmicas, pude compreender o quanto é transformador a associação dos cuidados paliativos com a participação em grupos de apoio no contexto da saúde, e em como essa junção pode suscitar diversas vantagens aos doentes e seus familiares/cuidadores informais, otimizando tratamentos, proporcionando maior qualidade de vida ou, inclusive, ocasionando um luto com maior estabilidade e menos riscos para o indivíduo. Deste modo, existiu uma significativa motivação que fundamentou o meu interesse em investigar os cuidados paliativos e comparar com a realização de grupos de apoio.

## **3. REVISÃO DE LITERATURA**

### **3.1 Conceito e marco histórico dos cuidados paliativos**

O surgimento dos cuidados paliativos, na sua perspectiva mais moderna, combinando cuidados clínicos, formação e investigação, reporta-se ao final dos anos 50 e início dos anos 60 do século passado (Sternsward, Foley & Ferris, 2004). Foi catalisador deste acontecimento, o encontro, num grande hospital universitário londrino em 1948, de Cicely Saunders com um doente judeu polaco que com 40 anos estava a morrer de cancro e que lhe levantou o desafio de melhor compreender o adequado controlo da dor e outros sintomas. Tudo culminou com a abertura do 1º hospice da era moderna em Londres, em 1967, o St. Christopher's Hospice (Saunders, 2006).

Este movimento teve como imperativo, a conjugação das novas competências em controlo da dor e outros sintomas, compreensão dos diversos

problemas do doente e família, assim como da formação e investigação (Saunders, 2006).

No século XX a medicina transferiu a sua orientação para a descoberta das causas e cura das doenças, relegando o controlo sintomático para segundo plano (Rio & Palma, 2007). Na década de 70, surgem os primeiros serviços de cuidados paliativos no Japão, Noruega, Estados Unidos da América (EUA), Canadá, Polónia, Suécia, assim como a 1ª equipa intra-hospitalar e domiciliária do Reino Unido (Sternsward & Clark 2004) e (Ortiz, 1999).

Por muito tempo, o termo *hospice* foi utilizado para designar a prática dos cuidados paliativos, tendo sido primariamente empregado como sinónimo de abrigos voltados a peregrinos, pobres e doentes. Tais abrigos, no século XVII, assumiam características de hospitais, com áreas destinadas a cuidar de portadores de tuberculose e câncer (Cortes, 1988).

Nos anos 80, a OMS incorpora Cuidados Paliativos nos seus conceitos e promove a necessidade de um programa de cuidados paliativos como parte integrante da abordagem ao doente oncológico (Capelas, Silva, Alvarenga & Coelho, 2014).

De acordo com a OMS, em conceito definido em 1990 e atualizado em 2002, os cuidados paliativos consistem na assistência ativa e integral a pacientes cuja doença não responde mais ao tratamento curativo. O principal objetivo é garantir melhor qualidade de vida tanto ao utente quanto aos seus familiares. Os cuidados paliativos destinam-se a controlar a dor e demais sintomas, evitando assim o sofrimento do utente (World Health Organization, 2002).

Nota-se que primeiramente ocorreu um desenvolvimento mais local que se foi disseminando por uma grande vastidão de países, e que hoje em dia, mais de 115 países dos 234 existentes têm um ou mais serviços de cuidados paliativos, com uma grande diversidade de programas e tipologias (Sternsward & Clark, 2004) e (Wright, Wood, Lynch & Clark, 2008).

A filosofia dos cuidados paliativos segundo a OMS, afirma a morte como um processo normal do viver; não apressa nem adia a morte; procura aliviar a dor e outros sintomas angustiantes; integra os aspectos psicológicos, sociais e espirituais no cuidado do paciente; disponibiliza uma rede de apoio para auxiliar o paciente a viver tão ativamente quanto possível até sua morte; oferece um sistema de apoio para a

família do paciente na vivência do processo de luto (World Health Organization, 2006) e (Pessini, 2004).

O termo está associado aos cuidados de fim de vida, quando devem ser observados determinados componentes, quais sejam: morte sem dor; morte com os desejos do paciente respeitados; morte em domicílio junto aos familiares e/ou amigos; inexistência de sofrimento por parte do paciente, a quem se deve proporcionar o máximo de sensação de conforto; nos cuidados espirituais e emocionais dos pacientes (Frossard, 2016).

### **3.2 Grupos de apoio: definição e utilização**

A relação pessoa-pessoa é uma interação de dois ou mais seres humanos, de modo que ambos possam compartilhar seus sentimentos, valores e significados mediante o estabelecimento da comunicação. A comunicação constitui o fundamento cultural da pessoa humana, e, mais que isso, da própria vida. É também uma necessidade básica, e sem a qual a existência da humanidade seria impossível (Stefanelli, 1993).

Nesse cenário, podemos associar a interação de duas ou mais pessoas com o conceito de ajuda mútua. Conforme Monteiro (1997), ajuda mútua é um processo de ajuda interpessoal que promove suporte e companheirismo ao indivíduo, para que o próprio readquira o equilíbrio perdido. Em seu processo, utiliza a partilha da experiência como estratégia de intervenção para facilitar e melhorar a adaptação do indivíduo diante de uma situação de morte ou processo terminal.

O processo de ajuda mútua concretiza-se através da ação dos grupos de parceiros que partilham uma situação de vida através da qual se identificam e fundamenta-se na vivência subjetiva dos problemas de cada um dos membros (Borkman, 1991). O grupo terapêutico potencializa as trocas dialógicas, o compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletivo (Benevides et al. 2010).

O grupo terapêutico potencializa as trocas dialógicas, o compartilhamento de experiências e a melhoria na adaptação ao modo de vida individual e coletivo. Para Cardoso e Seminotti (2006), o grupo é entendido pelos usuários como um lugar onde ocorre o debate sobre a necessidade de ajuda de todos. No desenvolvimento das

atividades, os participantes fazem questionamentos sobre as alternativas de apoio e suporte emocional.

Ao nível do indivíduo, torna-se possível um processo de desenvolvimento pessoal que é proporcionado pela participação nos grupos de apoio mútuo. Em geral, os participantes buscam obter informações, orientações, opiniões, encorajamento, compartilhamento de experiências e apoio psicológico. Esses grupos oferecem um espaço no qual é possível desenvolver habilidades de enfrentamento da doença e seu tratamento, a partir do contato com outras pessoas que vivenciam situações semelhantes. Essa conexão entre pessoas com interesses afins é entendida como um poderoso recurso empregado na reabilitação física e psíquica dos utentes (Colella & Deluca, 2004).

Os grupos de apoio têm apresentado uma demanda crescente no contexto internacional e vêm se consolidando como uma modalidade de cuidado eficaz. (Voerman et al. 2007).

No contexto da saúde, têm ampla utilização e se organizam de forma bastante variada. De modo geral, os grupos podem ser constituídos dentro de locais como hospitais e centros de saúde, em associações de bairros ou grupos sociais organizados. Podem ser coordenados por um especialista, ou por alguém que viva em condições semelhantes às da população para a qual o grupo se dirige. Quanto à sua sistemática de trabalho, tais grupos podem ser homogêneos ou heterogêneos, abertos ou fechados, de frequência semanal, quinzenal ou mensal, com duração variável e objetivos múltiplos (Moscheta & Santos 2012).

#### 4. METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo geral, optou-se pela realização do método de revisão integrativa, sendo elaborado uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória com abordagem qualitativa, visando sumarizar pesquisas já concluídas e obter conclusões a partir de um tema de interesse.

A revisão integrativa é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da

literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Conforme Silveira e Galvão (2005), a revisão integrativa determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto, contribuindo, pois, para uma possível repercussão benéfica na qualidade dos cuidados prestados ao utente.

A revisão integrativa expressa-se na elaboração de uma análise ampla da literatura, colaborando para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos (Soares et al., 2014). A mesma possibilita formar uma fonte de conhecimento atual sobre o problema e definir se o conhecimento é apropriado para ser transferido para a prática. Sua composição deve seguir modelos de rigor metodológico, que viabilizarão, ao leitor, reconhecer as particularidades dos estudos analisados (Pompeo, Rossi & Galvão 2009).

De acordo com Souza et al. (2010), o propósito inicial deste método de pesquisa consiste na elaboração da pergunta norteadora, que determina quais serão os estudos incluídos, os meios adotados para a identificação e as informações coletadas de cada estudo selecionado. A segunda fase constitui-se na busca ou amostragem na literatura, o que significa que a pesquisa deve ser vasta e diversificada, e os critérios de amostragem precisam certificar a representatividade da amostra, tornando-se indicadores relevantes da credibilidade dos resultados. O ideal é englobar todos os estudos encontrados ou a sua seleção randomizada; porém, se as duas possibilidades forem inviáveis pela quantidade de trabalhos, é preciso indicar e articular claramente os critérios de inclusão e exclusão de artigos, consoante Ganong (1987).

A terceira fase engloba a coleta de dados. Para reproduzir os dados dos artigos selecionados, é indispensável a utilização de um instrumento elaborado de antemão capaz de assegurar que o total de dados relevantes seja extraído, reduzir o risco de erros na transcrição, garantir certeza na checagem das informações e servir como registro. A quarta fase é a análise crítica dos estudos incluídos, a qual exige uma abordagem organizada para ponderar o rigor e as características de cada estudo (Souza et al. 2010).

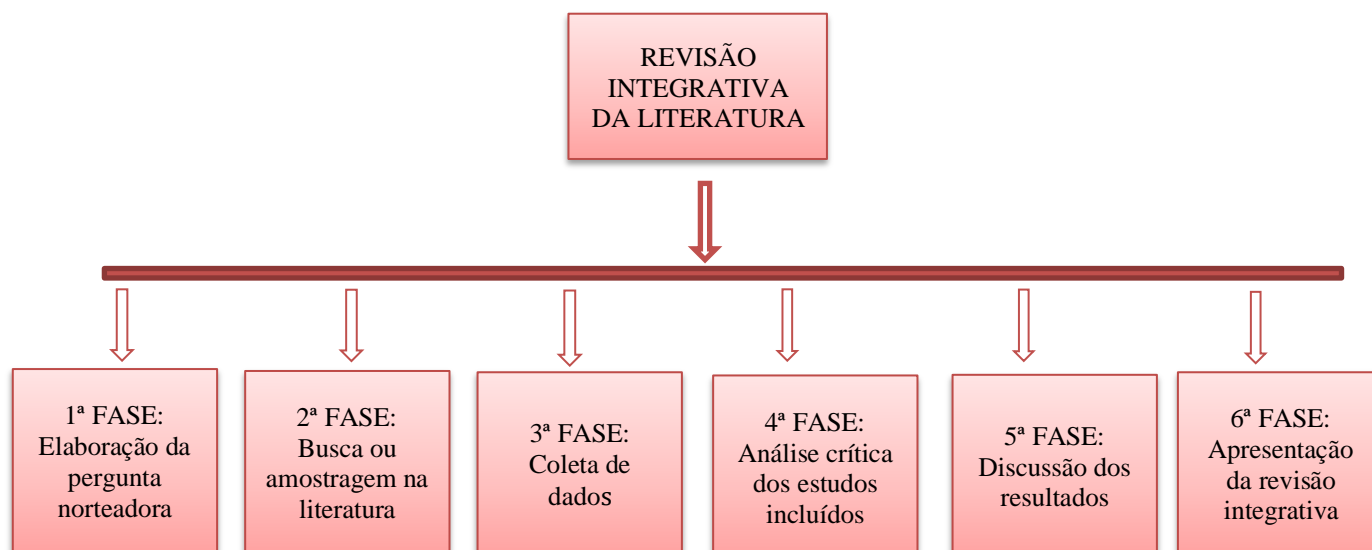
Na quinta fase é elaborada a discussão dos resultados. Com fundamento na compreensão e síntese dos resultados, comparam-se os dados evidenciados na análise

dos artigos ao referencial teórico. Para além de reconhecer possíveis lacunas do conhecimento, é possível determinar prioridades para estudos futuros. Com o propósito de proteger a legitimidade da revisão integrativa, o pesquisador deve destacar suas conclusões e inferências, tal qual exibir os vieses (Ursi, 2005).

Já a sexta e última fase consiste na apresentação da revisão integrativa, que deve ser clara e completa para permitir ao leitor avaliar criticamente os resultados. Deve conter, então, informações pertinentes e detalhadas, baseadas em metodologias contextualizadas, sem omitir qualquer evidência relacionada (Silveira & Galvão, 2005) e (Ursi, 2005).

### Figura 1:

Etapas da revisão integrativa na literatura.



**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

No domínio da saúde, a revisão integrativa pode ser considerada uma excelente forma de estudo. De acordo com Souza et al. (2010), em virtude da quantidade crescente e da complexidade de informações na área da saúde, tornou-se imprescindível o desenvolvimento de artifícios, no contexto da pesquisa cientificamente embasada, capazes de delimitar etapas metodológicas mais concisas e

de propiciar, aos profissionais, melhor utilização das evidências elucidadas em inúmeros estudos.

#### 4.1 Identificação do tema e elaboração da pergunta norteadora

A revisão integrativa deste trabalho foi orientada pela seguinte pergunta: qual a produção científica sobre grupos de apoio a doentes e familiares/cuidadores informais em cuidados paliativos?

Foi realizado um levantamento bibliográfico de pesquisas nacionais e internacionais nas bases de dados Pubmed, Isi Web of Knowledge e Scopus.

Para a investigação de dados nacionais foram utilizados os descritores em inglês: palliative care, support groups, informal caregivers, self help e end of life care. Ao utilizar os descritores em português e espanhol, não foi alcançado nenhum resultado. O operador de busca AND foi aplicado com a finalidade de identificar intersecção relacionada entre os termos, mostrando assim o maior número de produções da temática proposta. Portanto, o agrupamento dos descritores ficou da seguinte forma: End of life care AND support groups AND palliative care; informal caregivers AND support groups AND palliative care; informal caregivers AND self-help AND support groups.

Os critérios de inclusão dos estudos definidos, inicialmente, para a presente revisão integrativa foram: estudos originais publicados em português, inglês ou espanhol, disponibilidade de textos completos, e que tenham sido publicados nos últimos 10 anos. Como critérios de exclusão: artigos repetidos e que não contemplam o objeto de investigação, ou que tenham sido publicados antes do ano de 2010.

Foram analisadas publicações encontrados até o dia 30 de junho de 2020.

#### Quadro 1:

Distribuição de estudos encontrados na base de dados Pubmed conforme combinação dos descritores.

ÍTENS DE BUSCA	DESCRITORES E SUAS COMBINAÇÕES	QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS	QUANTIDADE DE ARTIGOS SELECIONADOS
1ª BUSCA	Informal caregivers AND support groups AND palliative care	83	13
2ª BUSCA	Informal caregivers AND self-help AND support groups	47	15

3ª BUSCA	End of life care AND support groups AND palliative care	403	14
	<b>Total de artigos identificados</b>	533	42

**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

Ao observar o quadro 1, percebe-se que foi encontrado um número significativo de artigos nas buscas na base de dados Pubmed (533 artigos), mesmo após a implementação de filtros como: disponibilidade de textos completos de forma gratuita, publicação nos últimos dez anos e idiomas em inglês, espanhol ou português. Entretanto, após leitura assisada dos títulos e resumos, foram elegidos somente 42 artigos que contemplaram a pergunta norteadora do estudo e conduziram, de alguma forma, conhecimentos a respeito da aplicação de grupos de apoio a utentes e/ou familiares/cuidadores informais em situação de cuidados paliativos.

#### **Quadro 2:**

Distribuição de estudos encontrados na base de dados Scopus conforme combinação dos descritores.

<b>ÍTENS DE BUSCA</b>	<b>DESCRITORES E SUAS COMBINAÇÕES</b>	<b>QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS</b>	<b>QUANTIDADE DE ARTIGOS SELECIONADOS</b>
1ª BUSCA	Informal caregivers AND support groups AND palliative care	22	5
2ª BUSCA	Informal caregivers AND self-help AND support groups	11	4
3ª BUSCA	End of life care AND support groups AND palliative care	167	11
	<b>Total de artigos identificados</b>	200	20

**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

Em concordância com o quadro acima, na base de dados SCOPUS foram selecionados um total de 20 pesquisas após leitura criteriosa das mesmos, diante de 200 estudos encontrados através da combinação dos descritores e utilização dos filtros. Nesta base de dados, constata-se que a maior quantidade de estudos escolhidos

foi encontrada na terceira combinação de descritores: End of life care AND Support Groups AND Palliative Care.

### Quadro 3:

Distribuição de estudos encontrados na base de dados Web of Science conforme combinação dos descritores.

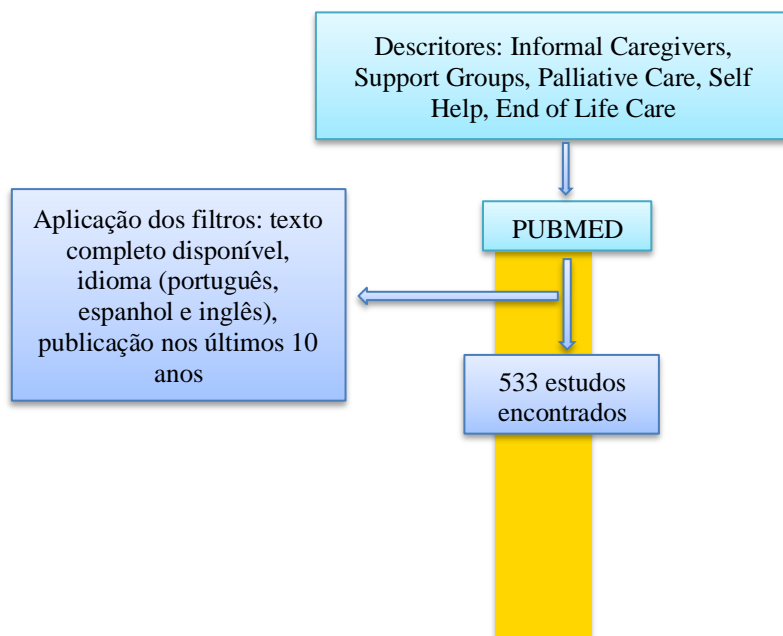
ÍTENS DE BUSCA	DESCRITORES E SUAS COMBINAÇÕES	QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS	QUANTIDADE DE ARTIGOS SELECIONADOS
1ª BUSCA	Informal caregivers AND support groups AND palliative care	33	6
2ª BUSCA	Informal caregivers AND self-help AND support groups	4	1
3ª BUSCA	End of life care AND support groups AND palliative care	306	20
	<b>Total de artigos identificados</b>	<b>343</b>	<b>27</b>

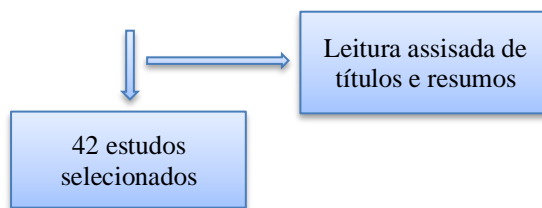
**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

Baseado no quadro 3, na base de dados Web of Science foram avaliados 343 estudos, e escolhidos apenas 27 destes após leitura e análise cautelosa. Verifica-se que não foi encontrado um número relevante de resultados na segunda combinação de descritores e observa-se também que a terceira busca foi a qual apresentou a maior quantidade de estudos que condisseram com os critérios de inclusão desta investigação.

### Figura 2:

Fluxograma de seleção de estudos na Pubmed.

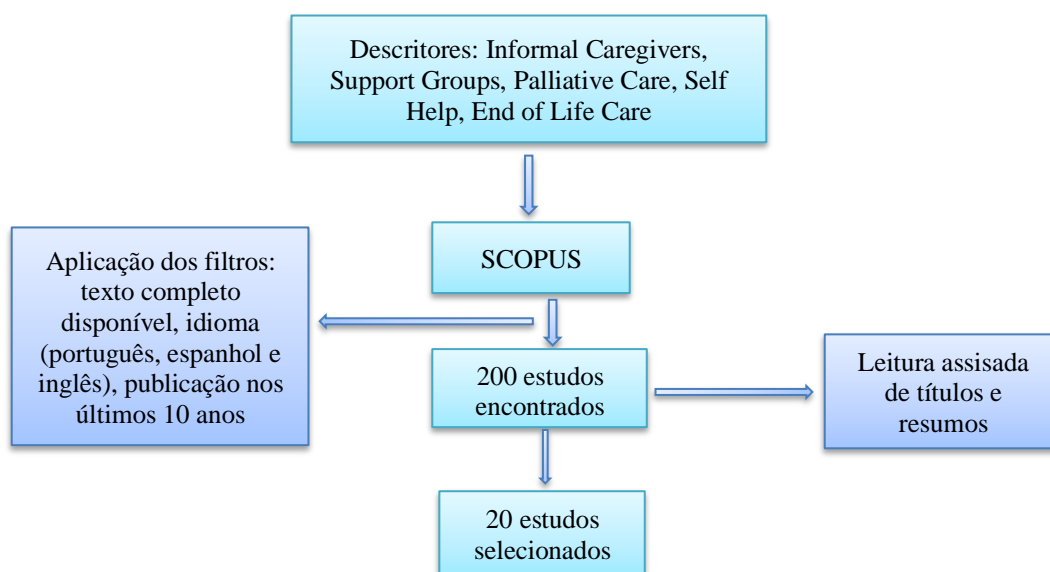




Fonte: FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

**Figura 3:**

Fluxograma de seleção de estudos na Scopus.

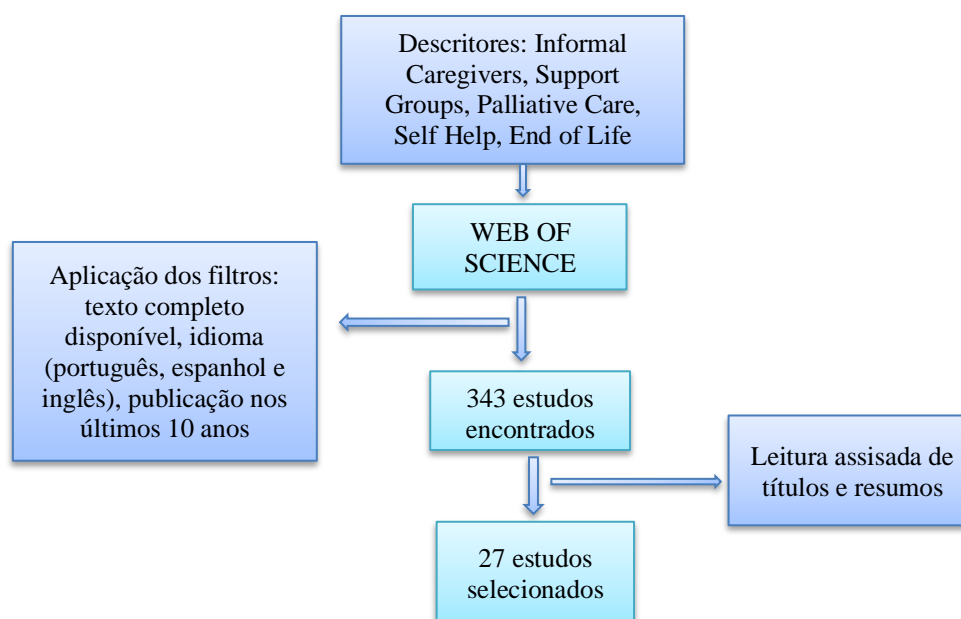


Fonte: FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.



**Figura 4:**

Fluxograma de seleção de estudos na Web of Science.



**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

**Quadro 4:**

Caracterização das produções científicas selecionadas, quanto ao ano de publicação, título, periódico e base de dados.

	ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	PERIÓDICO	BASE DE DADOS
1	2020	Development and psychometric evaluation of a new tool for measuring the attitudes of patients with progressive neurological diseases to ethical aspects of end of life care	Journal BMC Medical Ethics	Web of Science
2	2019	Social consequences of advanced cancer in patients and their informal caregivers: a qualitative study	Springer Open Choice	Pubmed

3	2019	Perceived benefits of peer support groups for stroke survivors and caregivers in rural North Carolina	North Carolina Medical Journal	Pubmed
4	2019	Perspectives and experiences of compassion in long-term care facilities within Canada: a qualitative study of patients, family members and health care providers	Journal BMC Geriatrics	Pubmed Scopus Web of Science
5	2019	Understanding care when cure is not likely for young adults who face cancer: a realist analysis of data from patients, families and healthcare professionals	Journal BMJ Open	Pubmed Scopus Web of Science
6	2019	Evaluation of a charity-led secondary breast cancer support day: a model of survivorship care	Journal eancer Medical Science	Pubmed Web of Science
7	2019	Support to informal caregivers of patients with severe chronic obstructive pulmonary disease: a qualitative study of caregivers' and professionals' experiences in Swedish hospitals	Journal BMJ Open	Scopus
8	2019	End of life priorities of older adults with terminal illness and caregivers: a qualitative consultation	Journal Health Expectations	Web of Science
9	2018	What enables good end of life care for people with dementia? A multi method qualitative study with key Stakeholders	BMC Geriatrics	Pubmed Scopus Web of Science

10	2018	Meaningful connections in dementia end of life care in long term care homes	BMC Psychiatry	Pubmed Scopus Web of Science
11	2018	Coping with dementia caregiving: a mixed methods study on feasibility and benefits of a psycho-educative group program	Journal BMC Geriatrics	Pubmed Scopus
12	2018	Informal Caregivers experiences and perceptions of a web-based peer support network: mixed methods study	Journal of Medical Internet Research	Pubmed Scopus
13	2018	Perception of family members regarding the support group conducted in a psychiatric intervention ward	Revista Gaúcha de Enfermagem	Pubmed
14	2018	Heart failure home management challenges and reasons for readmissions: a qualitative study to understand the patient's perspectives	Journal of General Internal Medicine	Pubmed
15	2018	Stakeholder's perceptions sought to inform the development of a low-cost mobile robot for older adults: a qualitative descriptive study	Journal Clinical Nursing Research	Pubmed
16	2018	The buddy group – peer support for the bereaved	London Journal of Primary Care	Pubmed
17	2018	“It has changed my life”: an exploration of caregiver experiences in serious illness	American Journal of Hospice and Palliative Medicine	Scopus Web of Science
18	2018	Expanding the Palliative Care domains to meet the needs of a community-based support care model	American Journal of Hospice & Palliative Medicine	Web of Science

19	2017	Patients' and caregivers' needs, experiences, preferences and research priorities in spiritual care: a focus group across nine countries	Journal Palliative Medicine	Pubmed Web of Science
20	2017	Palliative care for people with dementia in the terminal phase: a mixed methods qualitative study to inform service development	Journal Palliative Care	Pubmed Scopus Web of Science
21	2017	Coping well with advanced cancer: a serial qualitative interview study with patients and family caregivers	Journal Plos One	Pubmed Scopus
22	2017	Managing 'shades of grey': a focus group study exploring community dwellers' views on advance care planning in older people	Journal Palliative Care	Pubmed
23	2017	Feasibility and effectiveness of a telephone based social support intervention for informal caregivers of people with dementia	Journal Health Services Research	Pubmed Scopus
24	2017	Implementing a multi modal support service model for the family caregivers of persons with age related macular degeneration: a study protocol for a randomized controlled trial	Journal BMJ Open	Pubmed
25	2017	Community game day: using an end of life conversation game to encourage advance care	Journal of Pain and Symptom Management	Scopus Web of Science

planning

26	2017	Palliative Care and Parkinson's disease: caregiver perspectives	Journal of Palliative Medicine	Web of Science
27	2016	The adaptation, face and content validation of a needs assessment tool: progressive disease for people with interstitial lung disease	Journal Palliative Medicine	Pubmed Web of Science
28	2016	A co-design process developing heuristics for practioners providing end of life care for people with dementia	Journal BMC Palliative Care	Scopus Web of Science
29	2016	The effect of bereavement groups on grief, anxiety and depression – a controlled, prospective intervention study	Journal BMC Palliative Care	Web of Science
30	2015	Patients' lay expertise in chronic self-care: a case study in type 1 diabetes	Journal Health Expectations	Pubmed
31	2015	Meaning-centered psychotherapy for cancer caregivers (MCP-C): a qualitative study	Journal Palliative & Supportive Care	Pubmed
32	2015	Enhancing the experience of carers in the chemotherapy outpatient setting: an exploratory randomized controlled trial to test impact, acceptability and feasibility of a complex intervention co-designed by carers and staff	Journal Supportive Care in Cancer	Web of Science

33	2015	Service user perspectives on Palliative Care education for health and social care professionals supporting people with learning disabilities	BMJ Supportive & Palliative Care	Web of Science
34	2015	Implementation challenges in end of life research with adults with intellectual and developmental disabilities	Journal Applied Nursing Research	Web of Science
35	2014	Future Care Planning for Patients Approaching End-Of-Life With Advanced Heart Disease: An Interview Study With Patients, Carers and Healthcare Professionals Exploring the Content, Rationale and Design of a Randomised Clinical Trial	Journal BMJ Open	Pubmed Scopus Web of Science
36	2014	“It’s alright to ask for help”: findings from a qualitative study exploring the information and support needs of family carers at the end of life	Journal Palliative Care	Pubmed Web of Science
37	2014	Intervention to improve social and family support for caregivers of dependent patients: ICIAS study protocol	Journal Family Practice	Pubmed
38	2014	The effectiveness of an internet support forum for carers of people with dementia: a pre-post cohort study	Journal of Medical Internet Research	Pubmed Scopus Web of Science

39	2014	Understanding the barriers to identifying carers of people with advanced illness in primary care: triangulating three data sources	Journal BMC Family Practice	Pubmed Scopus Web of Science
40	2013	Awareness of Palliative Care and end of life options among African Canadians in Nova Scotia	Journal of Transcultural Nursing	Pubmed
41	2012	Reducing depression in stroke survivors and their informal caregivers: a randomized clinical trial of a web-based intervention	Author Manuscript	Pubmed
42	2012	Remote participants' experiences with a group-based stroke self-management program using videoconference technology	Journal Rural and Remote Health	Pubmed
43	2012	Passing through: meanings of survivorship and support among Filipinas with breast cancer	Journal Qualitative and Health Research	Pubmed
44	2012	Dignity and deferral narratives as strategies in facilitated technology-based support groups for people with advanced cancer	Journal Nursing Research and Practice	Pubmed
45	2011	Acceptability of a group intervention for initiates of antiretroviral therapy in Tanzania	Journal Global Public Health	Pubmed

46	2010	Support groups for dementia caregivers – Predictors for utilization and expected quality from a family caregiver’s point of view: a qualitative study	Journal BMC Health Services Research	Pubmed
47	2010	“At the foot of a very long ladder”: Discussing the end of life with older people and informal caregivers	Journal of Pain and Symptom Management	Pubmed
48	2010	Palliative Care of children with brain tumors: a parental perspective	American Journal of Diseases of Children	
49	2010	Meaning centered group psychotherapy for patients with advanced cancer: a pilot randomized controlled trial	Journal Psycho-Oncology	Web of Science

**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

## 5. RESULTADOS

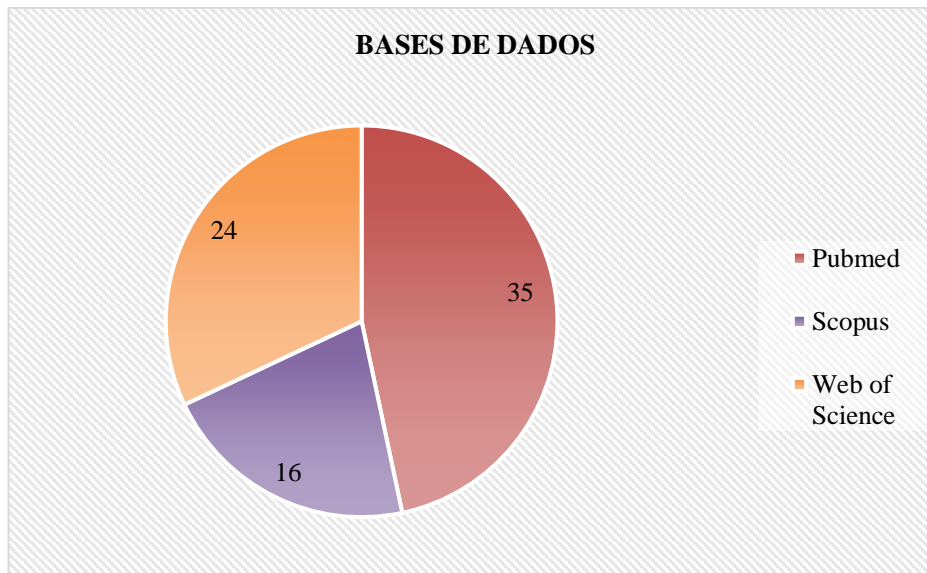
A partir da leitura do título de cada estudo selecionado para este trabalho, identificamos que sete (7) abordaram a participação de utentes oncológicos em grupos de apoio; dezesseis (16) falaram sobre o suporte a cuidadores familiares; cinco (5) apresentaram informações sobre o suporte a utentes com doenças neurodegenerativas; três (3) discutiram esclarecimentos a respeito de grupos de apoio a pessoas sobreviventes de um Acidente Vascular Cerebral (AVC); dois (2) debateram acerca de grupos de apoio a utentes com doença cardíaca grave; um (1) discursou em relação a grupos com utentes com doença pulmonar; um (1) trouxe informações sobre

práticas em grupo junto utentes com diabetes tipo 1; e um (1) disponibilizou materiais em relação a grupos com utentes em tratamento antiretroviral.

Verifica-se que todos estes estudos científicos foram descobertos nas bases de dados com textos escritos em inglês, e apresentados em periódicos internacionais. Doze (12) estudos foram publicados em periódicos específicos sobre cuidados paliativos; dez (10) foram publicados em periódicos de medicina; sete (7) em periódicos de enfermagem; três (3) publicados em periódicos de geriatria; dois (2) em periódicos de ética; dois (2) em periódicos específicos sobre oncologia; um (1) estudo foi publicado em um periódico de psicologia e psiquiatria; um (1) em periódico característico de doenças da criança e um (1) estudo publicado em periódico sobre saúde pública global.

### Gráfico 1:

Distribuição de estudos de acordo com as bases de dados.



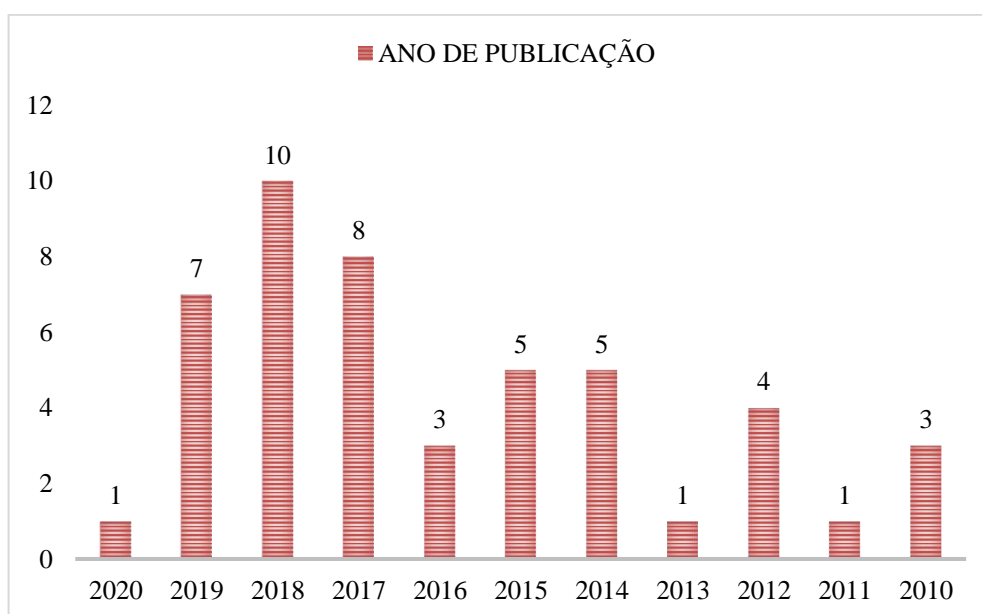
**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

Em conformidade com o gráfico 1, identifica-se que o maior número de publicações (35), foi encontrado na base de dados PUBMED, seguido de 24 estudos

encontrados na base de dados WEB OF SCIENCE e 16 encontrados na base de dados SCOPUS.

### Gráfico 2:

Quantitativo de estudos separados por ano de publicação.

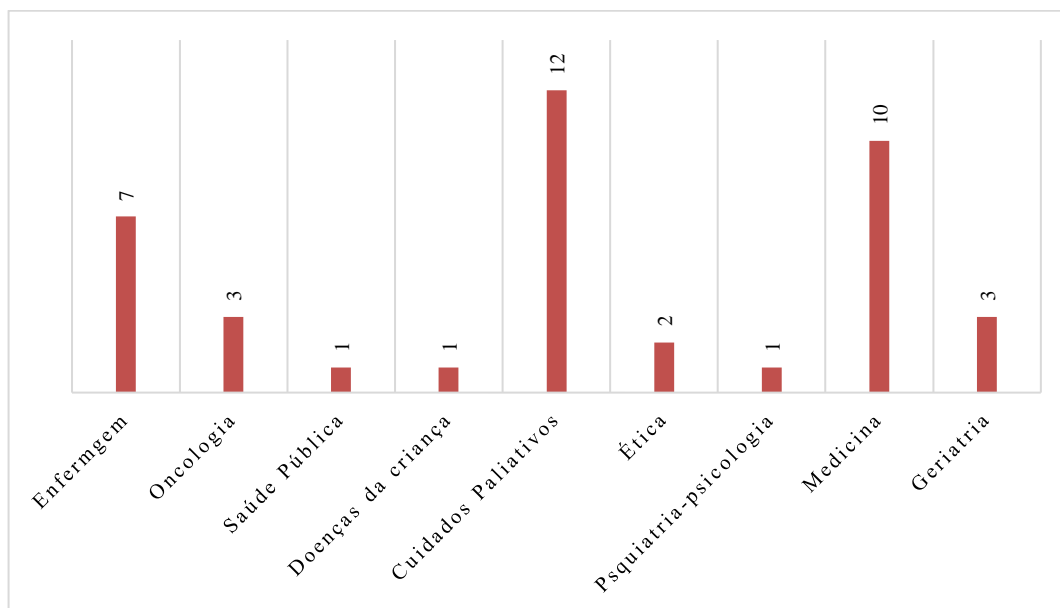


Fonte: FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

Baseado no gráfico 2, constata-se que a maior quantidade dos estudos científicos selecionados foi publicada no ano de 2018, com um montante de 10 pesquisas. E que os anos de 2020, 2013 e 2011 veicularam a menor quantidade dos estudos escolhidos, com apenas 1 publicação por ano respectivamente. É provável que novos estudos ainda sejam publicados no ano de 2020, visto que foram consideradas somente pesquisas publicadas até junho do presente ano.

### Gráfico 3:

Quantitativo de estudos separados por temática da revista científica.



Fonte: FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

A maior quantidade de estudos (12) elegidos foi publicada em periódicos característicos de cuidados paliativos, seguido de dez (10) estudos publicados em periódicos específicos de medicina, e sete (7) em periódicos de enfermagem.

Periódicos típicos de saúde pública, doenças da criança e psiquiatria-psicologia divulgaram somente um (1) estudo respectivamente.

### Quadro 5:

Caracterização das produções quanto ao ano de publicação, autores, método de pesquisa e sujeito de estudo.

ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES	MÉTODO DE PESQUISA	SUJEITO DE ESTUDO
2020	Radka Bužgová, Radka Kozáková	Estudo qualitativo exploratório	Grupos de apoio a cuidadores e utentes com doenças neurológicas progressivas

2	2019	Janneke van Roij , Linda Brom , Maggy Youssef-El Soud , Lonneke van de Poll-Franse , Natasja J H Raijmakers	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a cuidadores informais e utentes portadores de câncer avançado
3	2019	Erin R. Christensen, Shannon L. Golden and Sabina B. Gesell	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a sobreviventes de AVC e seus cuidadores informais
4	2019	Lorraine Smith-MacDonald, Lorraine Venturato, Paulette Hunter, Sharon Kaasalainen, Tamara Sussman, Lynn McCleary, Genevieve Thompson, Abigail Wickson-Griffiths & Shane Sinclair	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a utentes, familiares e cuidadores de longa duração
5	2019	Charlotte Kenten, Nothando Ngwenya, Faith Gibson, Mary Flatley, Louise Jones, Susie Pearce, Geoff Wong, Kath M Black, Sue Haig, Rachael Hough, Adam Hurlow, L Caroline Stirling, Rachel M Taylor, Adrian Tookman, Jeremy Whelan	Estudo realista com vários métodos	Entrevistas e oficinas em grupo com familiares enlutados
6	2019	Barbara S Baker, Jean Marshall and Caroline J Hoffman	Estudo qualitativo exploratório	Grupo de apoio a mulheres com câncer de mama
7	2019	Susann Strang, Josefin Fährn, Peter Strang , Agneta Ronstad, Louise Danielsson	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a cuidadores informais de utentes com doença pulmonar obstrutiva crônica grave
8	2019	Ebony T Lewis, Reema Harrison, Laura Hanly, Alex Psirides , Alexandra Zammit, Kathryn McFarland, Angela	Estudo qualitativo	Grupo de apoio a cuidadores informais e utentes com doença em fase terminal

		Dawson, Ken Hillman, Margo Barr, Magnolia Cardona		
9	2018	Claire Bamford, Richard Lee, Emma McLellan, Marie Poole, Karen Harrison-Dening, Julian Hughes, Louise Robinson & Catherine Exley	Estudo qualitativo multi-método	Grupo de apoio a cuidadores informais de pessoas com demência
10	2018	Lynn McCleary, Genevieve N Thompson, Lorraine Venturato, Abigail Wickson-Griffiths, Paulette Hunter, Tamara Sussman & Sharon Kaasalainen	Estudo qualitativo descritivo	Grupos de apoio a familiares de pessoas com demência
11	2018	S. Pihet & S. Kipfer	Estudo de intervenção quase experimental	Grupos de apoio a cuidadores familiares de pessoas com demência
12	2018	Christine Vaughan1; Thomas E Trail ; Ammarah Mahmud ; Stephanie Dellva ; Terri Tanielian ; Esther Friedman	Estudo de métodos mistos	Grupos focais web a cuidadores informais
13	2018	Maria de Lourdes Custódio Duarte, Juliana de Carvalho, Vivian Brentano	Estudo de abordagem qualitativa exploratória e descritiva	Grupo de apoio a familiares de utentes hospitalizados com doença psiquiátrica
14	2018	Jonathan Sevilla-Cazes, Faraz S Ahmad, Kathryn H Bowles, Anne Jaskowiak, Tom Gallagher, Lee R Goldberg, Shreya Kangovi, Madeline Alexander, Barbara Riegel, Frances K Barg, Stephen E Kimmel	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a utentes com insuficiência cardíaca e seus cuidadores informais
	2018	Justine S Sefcik, Michelle J Johnson, Mark Yim, Tessa Lau, Nicholas Vivio, Caio	Estudo descritivo qualitativo observacional	Grupos de apoio a cuidadores remunerados e idosos

15		Mucchiani, Pamela Z Cacchione		residentes de uma acomodação de suporte
16	2018	Susan Gerry Riley, Katherine Irene Pettus and Julian Abel	Estudo descritivo observacional de uma intervenção em grupo	Grupos de apoio com pessoas enlutadas
17	2018	Eric W Anderson, Katie M White	Estudo qualitativo exploratório	Grupos de apoio a cuidadores informais e utentes com doenças graves
18	2018	Eric W. Anderson, Monica S. Frazer, and Sandra E. Schellinger	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a cuidadores informais e utentes com doenças graves
19	2017	Lucy Ellen Selman, Lisa Jane Brighton, Shane Sinclair, Ikali Karvinen, Richard Egan, Peter Speck, Richard A Powell, Ewa Deskur- Smielecka, Myra Glajchen, Shelly Adler, Christina Puchalski, Joy Hunter, Nancy Gikaara, Jonathon Hope, InSpirit Collaborative	Estudo de grupo focal	Grupo de apoio a cuidadores informais e utentes para explorar necessidades, experiências em cuidados espirituais
20	2017	Jenny T van der Steen, Natashe Lemos Dekker, Marie-José H E Gijsberts, Laura H Vermeulen, Margje M Mahler, B Anne-Mei The	Estudo de métodos mistos	Grupos de apoio a cuidadores familiares de pessoas com demência
21	2017	Catherine Walshe, Diane Roberts, Lynda Appleton, Lynn Calman, Paul Large, Mari Lloyd-Williams, Gunn Grande	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a pessoas com câncer avançado e seus cuidadores informais
22	2017	Natasha Michael, Clare O'Callaghan and Emma Sayers	Estudo descritivo qualitativo	Grupos de apoio a idosos e filhos/cuidadores de idosos
23	2017	Martin Berwig, Martin Nikolaus Dichter, Bernd Albers, Katharina Wermke, Diana Trutschel, Swantje	Estudo controlado randomizado	Grupos de apoio por telefone a cuidadores informais de pessoas com demência

		Seismann-Petersen, Margareta Halek		
24	2017	Bamini Gopinath Ashley Craig, Annette Kifley, Gerald Liew, Jaye Bloffwitch, Kim Van Vu , Nichole Joachim, Rob Cummins, Julie Heraghty, Timothy Broady, Alison Hayes, Paul Mitchell1	Estudo controlado randomizado	Grupo de apoio por telefone com cuidadores informais de pessoas com degeneração macular relacionada à idade
25	2017	Lauren J. Van Scoy, Jean M. Reading, Margaret Hopkins, Brandi Smith, Judy Dillon, Michael J. Green, and Benjamin H. Levi	Estudo convergente de métodos mistos	Jogo de cartas de conversação em fim de vida e Grupos de apoio a cuidadores informais e utentes com doença crônica
26	2017	Isabel Boersma, Jacqueline Jones, Christina Coughlan, Julie Carter, David Bekelman, Janis Miyasaki, Jean Kutner, and Benzi Kluger	Estudo qualitativo	Grupo de apoio a cuidadores informais de pessoas com Doença de Parkinson
27	2016	Jason W Boland, Carla Reigada, Janelle Yorke, Simon P Hart, Sabrina Bajwah, Joy Ross, Athol Wells, Athanasios Papadopoulos, David C Currow, Gunn Grande, Una Macleod, Miriam J Johnson	Estudo investigativo exploratório	Grupo de apoio a cuidadores e utentes com doença pulmonar intersticial
28	2016	Nathan Davies, Rammya Mathew, Jane Wilcock, Jill Manthorpe, Elizabeth L. Sampson, Kethakie Lamahewa & Steve Iliffe	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a cuidadores informais de pessoas com demência
29	2016	Ulla Näppä, Ann-Britt Lundgren, Bertil Axelsson  Cristiano Stormi	Estudo de intervenção prospectivo controlado  Estudo investigativo com análise qualitativa	Grupo de apoio a familiares enlutados de utentes que morreram há no máximo 6 meses  Grupo de apoio a pessoas com diabetes

30	2015			tipo 1 e cuidadores profissionais
31	2015	Allison J Applebaum, Julia R Kulikowski, William Breitbart	Estudo de caso	Grupo de apoio com cuidadores informais de pessoas com câncer. Intervenção psicoterapêutica centrada no significado
32	2015	V Tsianakas, G Robert, A Richardson, R Verity, C Oakley, T Murrells, M Flynn, E Ream	Estudo controlado randomizado exploratório	Grupo de apoio a cuidadores informais de utentes prestes a iniciar quimioterapia
33	2015	Dorry McLaughlin, Owen Barr, Sonja McIlpatrick, Roy McConkey	Estudo qualitativo exploratório	Grupo de apoio a cuidadores informais e pessoas com dificuldade de aprendizagem em cuidados paliativos
34	2015	Teresa A. Savage, Teresa Thalia Moro, Jackelyn Y. Boyden, Allison A. Brown, and Karen L. Kavanaugh	Estudo qualitativo	Grupo de apoio a adultos com deficiência intelectual ou de desenvolvimento
35	2014	Martin A Denvir, Gill Highet, Shirley Robertson, Sarah Cudmore, Janet Reid, Andrea Ness, Karen Hogg, Christopher Weir, Scott Murray, Kirsty Boyd	Estudo clínico randomizado	Grupos de apoio a cuidadores informais e utentes com doença cardíaca avançada
36	2014	Emily Harrop, Anthony Byrne & Annmarie Nelson	Estudo qualitativo exploratório	Grupos de apoio a cuidadores informais de final de vida
37	2014	Magdalena Rosell-Murphy, Josep M <sup>a</sup> Bonet-Simó, Esther Baena, Gemma Prieto, Eva Bellerino, Francesc Solé, Montserrat Rubio, Ilona Krier, Pascuala Torres, Sonia Mimoso & the ICIAS research group	Estudo de intervenção controlado	Grupos de apoio a cuidadores informais de utentes dependentes

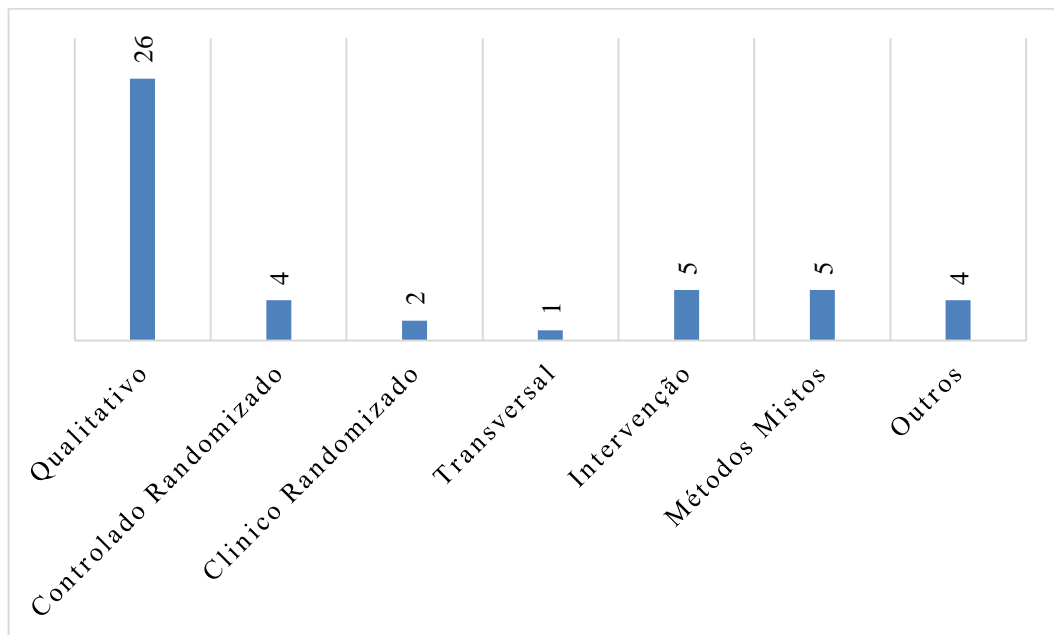
38	2014	Vicky McKechnie, Chris Barker, Josh Stott	Estudo de coorte com métodos mistos	Grupos de apoio online para cuidadores de pessoas com demência
39	2014	Emma Carduff, Anne Finucane, Marilyn Kendall, Alison Jarvis, Nadine Harrison, Jane Greenacre & Scott A Murray	Estudo qualitativo exploratório	Grupos de apoio a cuidadores informais
40	2013	Victor Maddalena, Wanda Thomas Bernard, Sharon Davis-Murdoch and Donna Smith	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a cuidadores informais enlutados
41	2012	Gregory C. Smith, Nichole Egbert, Mary Dellman-Jenkins, Kevin Nanna, and Patrick A. Palmieri	Ensaio clínico randomizado de uma intervenção baseada na web	Grupos de apoio online a cuidadores informais de sobreviventes de AVC
42	2012	Denise M Taylor, Sharon Dale Stone, Maria P Huijbregts	Estudo qualitativo com metodologia interpretativa	Grupo de apoio por videoconferência com sobreviventes de AVC e seus cuidadores informais
43	2012	Nancy J. Burke, Ofelia Villero, and Claudia Guerra	Estudo interativo participatório	Grupo de apoio a mulheres com câncer de mama ou que já tiveram câncer de mama
44	2012	Annette F. Street, <sup>1</sup> Kate Wakelin, Amanda Hordern, Nicola Bruce, and Dell Horey	Estudo de análise qualitativa	Grupos de apoio facilitados por telefone e suporte online para cuidados paliativos
45	2011	Melissa H Watt, Elizabeth H Aronin, Suzanne Maman, Nathan Thielman, John Laiser, Muze John	Estudo de intervenção em grupo	Grupo de apoio a utentes em terapia antiretroviral e seus apoiadores
46	2010	Elmar Gräßel, Angelika Trilling, Carolin Donath, and Katharina Luttenberger	Estudo transversal	Grupo de apoio a cuidadores informais de pessoas com demência

47	2010	Amanda Clarke and Jane Seymour	Estudo qualitativo	Grupo de apoio com idosos e cuidadores informais
48	2010	Shayna Zelcer, Danielle Cataudella, A. Elizabeth L. Cairney, et al	Estudo qualitativo	Grupos de apoio a pais enlutados de crianças que morreram por tumor cerebral
49	2010	William Breitbart, Barry Rosenfeld, Christopher Gibson, Hayley Pessin, Shannon Poppito, Christian Nelson, Alexis Tomarken, Anne Kosinski Timm, Amy Berg, Colleen Jacobson, Brooke Sorger, Jennifer Abbey, and Megan Olden	Estudo randomizado controlado	Grupo de apoio a utentes com câncer de tumor sólido avançado. Psicoterapia em grupo ou grupo centrado no significado

**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

#### Gráfico 4:

Quantitativo de estudos separados por método de pesquisa.



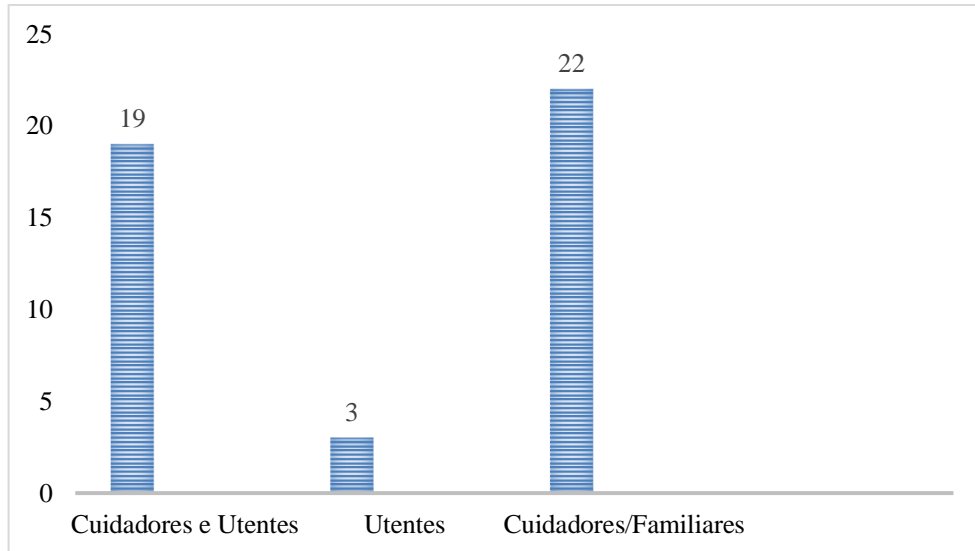
**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

O gráfico 4 expõe que a maior quantidade de estudos escolhidos (26) desenvolve uma metodologia qualitativa. Seguido por cinco (5) estudos que aplicaram metodologia de intervenção, e quatro (4) que realizaram estudo controlado randomizado.



### Gráfico 5:

Quantitativo de estudos separados por tipo de participantes dos grupos de apoio.

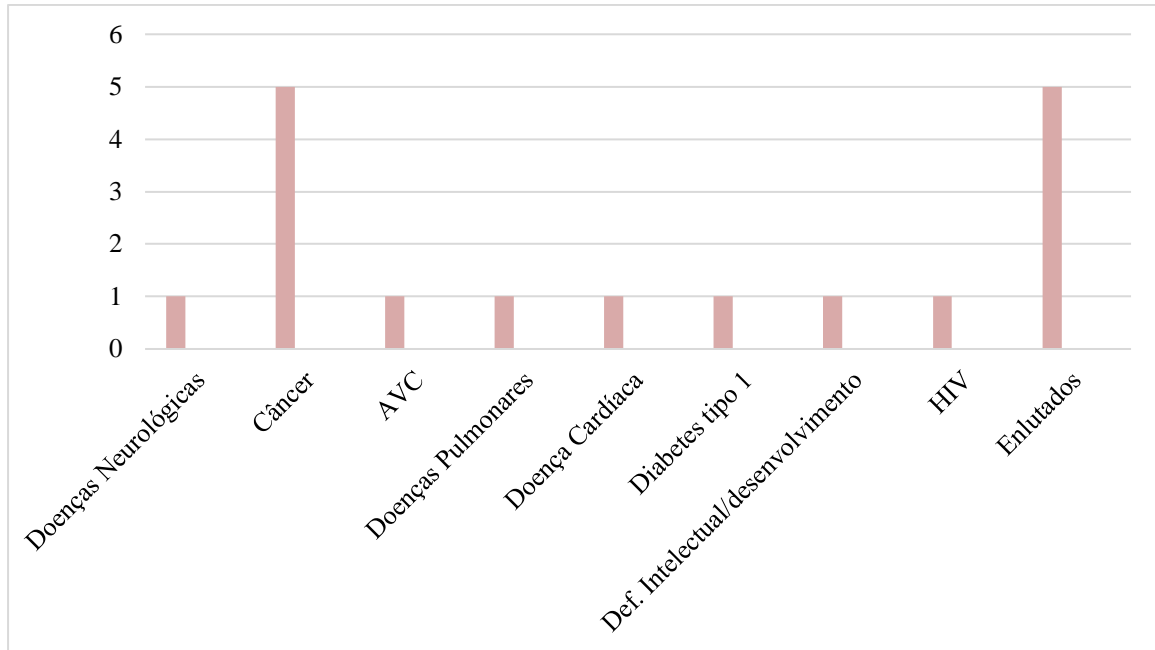


**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

Relativamente às práticas de grupos de apoio executadas, vinte e dois (22) estudos analisaram a aplicação dos grupos junto a familiares/cuidadores informais. Dezenove (19) estudos discorreram a respeito da utilização destes grupos com familiares/cuidadores informais e utentes simultaneamente. E unicamente três (3) estudos trabalharam a prática em grupo somente com utentes.

### Gráfico 6:

Quantitativo de estudos separados por características de utentes participantes de grupos de apoio, e pessoas em fase de luto.



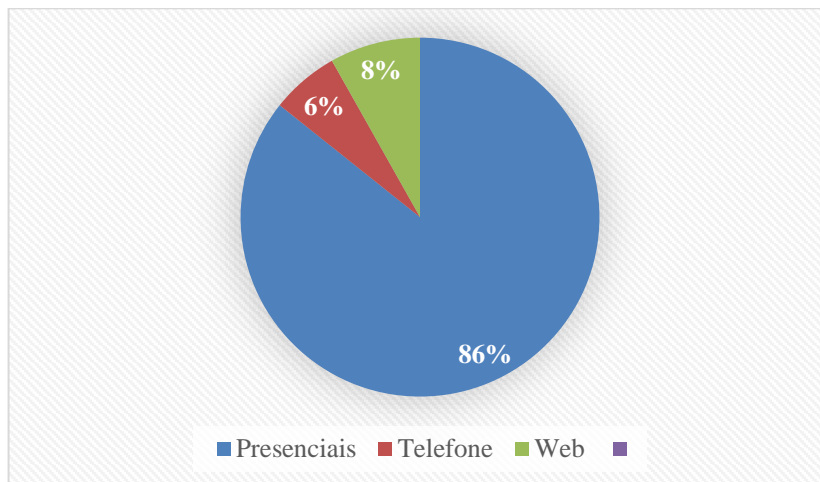
**Fonte:** FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

No tocante às peculiaridades dos membros de grupos de apoio somente com utentes ou enlutados, cinco (5) estudos contemplaram grupos de utentes com câncer ou que já tiveram alguma experiência de câncer, e outros cinco (5) expuseram grupos com integrantes em fase de luto. Grupos de apoio a utentes com outras enfermidades como doenças neurológicas, doenças pulmonares, doença cardíaca, diabetes tipo 1, deficiência intelectual ou de desenvolvimento, HIV e sobreviventes de AVC foram abordados somente em 1 estudo respectivamente.



### Gráfico 7:

Quantitativo de artigos (%) separados por prática de grupos focais presenciais, online ou por telefone.



Fonte: FERREIRA, A. L. (2020). *Grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em Cuidados Paliativos*.

Em relação a condição do exercício dos grupos de apoio discutidos nos estudos científicos, a grande maioria dos grupos (86%) foi executada presencialmente. Oito por cento (8%) dos estudos discutiram sobre a aplicação dos grupos de apoio online, e seis por cento (6%) desempenharam estes grupos por telefone.

## 6. DISCUSSÃO

Os artigos utilizados como sujeito do presente estudo, em sua grande maioria, dissertaram sobre a execução de grupos de apoio a utentes e familiares/cuidadores informais em condição de cuidados paliativos como um recurso eficaz em oferecer diversos benefícios a estas pessoas. Foram explanados grupos praticados por pessoas adultas ou idosas. A maioria dos grupos utilizou facilitadores previamente instruídos para nortear e organizar as discussões entre os participantes, assim como um limite de pessoas por grupo e um tempo predeterminado de duração das sessões. Em todas as pesquisas foi obtido um termo de consentimento por cada participante das atividades. Os grupos presenciais aconteceram em locais que garantissem o conforto e bem estar dos integrantes.

Em um estudo de Baker, Marshal e Hoffman (2019) com mulheres vivendo com câncer de mama, foi determinado um dia de suporte mensal, no qual essas

mulheres dispunham de uma oportunidade de apresentações pessoais e discussões com outras mulheres passando pela mesma situação, em um ambiente seguro em que se sentissem capazes de se expressar livre e facilmente. As discussões em grupo eram facilitadas por um terapeuta experiente, a garantir que todas as participantes tivessem a chance de falar caso desejassem.

Nesses encontros em grupo eram discutidos tópicos relacionados ao câncer de mama, as participantes contavam com um almoço saudável e experimentavam uma sessão de relaxamento. Esta prática de suporte foi declarada pelas participantes como um dia útil, relaxante, informativo, solidário e agradável.

Em outro estudo com adultos com câncer, Kenten et al. (2018) buscou perceber as experiências destas pessoas com o câncer incurável, utilizando entrevistas e oficinas em grupo com os familiares enlutados. Estas oficinas foram facilitadas por 2 membros clínicos da equipe. Nas oficinas em grupo, os familiares enlutados partilhavam relatos sobre suas experiências. Ao final, pesquisadores identificaram que os membros da família usualmente dispunham de menos habilidades apropriadas para cuidar da pessoa com câncer.

Também foram desenvolvidos estudos que buscaram determinar prioridades de utentes idosos mais velhos e seus cuidadores. Um estudo australiano de Lewis et al. (2019) realizou práticas em grupos de apoio com utentes em fase terminal e seus cuidadores. As discussões foram facilitadas por três (3) membros da pesquisa, com conhecimentos em psicologia ou enfermagem, e que foram treinados em métodos qualitativos.

Os constituintes das discussões em grupo e entrevistas detalhadas concordaram que uma boa qualidade de vida foi a consideração mais importante no tratamento do fim de vida, e que prolongar uma existência desconfortável não era o objetivo. Os cuidadores expuseram o impacto da doença da pessoa amada como colocando sua vida em espera para cuidar de outra pessoa. Pesquisadores do estudo identificaram que devido a dificuldade geográfica, muitas pessoas convidadas não puderam participar das discussões em grupo. Esta pode ser considerada uma das principais adversidades relacionadas ao exercício de grupos presenciais.

Conforme Razavi e Stiefel (1999), o suporte psicológico mostra-se significativo na supressão da ansiedade e da depressão em pacientes na fase terminal. Muitos autores apontam para a importância do apoio na prestação de cuidados. Glińska, Adamska, Lewandowska e Kobos (2012) alegam que o melhor método

consiste em conversas em virtude das quais a origem da ansiedade que afeta o sujeito pode ser rastreada, bem como várias técnicas de relaxamento destinadas a remover a tensão e a angústia.

O estudo de Breitbart et al. (2013) traz um exemplo de regulamento de grupos de apoio designados para uma psicoterapia a utentes com tumor sólido avançado. As discussões em grupo utilizam didática, discussão e exercícios experimentais que se concentram em temas relacionados ao significado do câncer avançado. Os pesquisadores concluíram que os grupos resultaram em melhorias significativamente maiores no bem estar espiritual e no senso de significado. Houve também melhoras significativas na ansiedade e no desejo de morte.

Segundo Carduff et al. (2014) o método do grupo focal é uma ferramenta útil para aprender as perspectivas de pessoas no atendimento ao final da vida, e oferece a oportunidade de informar enquanto compartilham suas experiências.

Uma experiência de mediação em grupos de apoio com utentes em tratamento antiretroviral e seus apoiadores, identificou também benefícios dessa ação. Nesse estudo de Watt et al. (2010) os participantes avaliaram a intervenção favoravelmente e disseram que adquiriram conhecimento sobre adesão, sentiram-se capacitados para enfrentar o estigma e a divulgação de seu status de HIV positivo, e experimentaram reduções nos sentimentos de solidão. Os apoiadores relataram que aprenderam a prestar melhores cuidados, adquiriram conhecimento e sentiram-se mais próximos da pessoa de quem estavam cuidando.

Utentes e familiares também revelaram uma experiência positiva ao participarem de grupos de apoio durante uma pesquisa de Duarte, Carvalho e Brentano (2018). Os membros valorizaram a oportunidade de falar sobre seus medos e dificuldades. Bem como, destacaram as vantagens de ter um espaço para aliviar as tensões, onde pudessem ser ouvidos e cuidados, sentindo-se mais seguros e tranquilos. Christensen, Golden e Gesell (2019) identificaram que os grupos de apoio de pares desempenham um papel importante na recuperação de sobreviventes de AVC, fornecendo ferramentas para lidar eficazmente, aliviando o estresse psicológico e criando uma saída para utentes e cuidadores.

Em uma pesquisa através de grupos de apoio com familiares de residentes de lares de cuidado a longo prazo, os parentes também conversaram sobre experiências e fim da vida. Exploraram subtemas como a perda prolongada, incertezas sobre a trajetória da demência e a morte como libertação. Após essa análise, McCleary et al

(2018) sugerem que possíveis estratégias para aumentar o engajamento nessas discussões podem reduzir o estresse futuro para os membros da família, permitindo que familiares possam agir com os desejos e preferências da pessoa com demência; ou prevenir internações desnecessárias.

Conforme um estudo de Anderson, Frazer e Schellinger (2018), a inclusão familiar em cuidados paliativos pode promover o reconhecimento e o apoio dos cuidadores familiares.

Ao realizar conferências em grupos de apoio com cuidadores familiares holandeses de pessoas com demência em estágios variáveis, Van der Steen et al. (2017) apontaram que as discussões em grupos de apoio indicaram que as famílias estavam lutando com o cuidado todos os dias.

Uma estratégia de pensar em voz alta durante reuniões de grupos de apoio com cuidadores familiares, na qual os participantes foram convidados a expressar seus pensamentos em voz alta a respeito de cada tópico apresentado em grupo, permitiu que os integrantes pudessem ouvir e acessar pensamentos na memória de trabalho e, portanto os pesquisadores Davies et al. (2016) puderam entender melhor como estas pessoas tomam decisões.

Boland et al. (2016) ao analisarem grupos de apoio com utentes com doença pulmonar intersticial e seus cuidadores informais, identificaram que ambos descreveram profunda tensão nos relacionamentos, especialmente conjugal, com mudanças de papéis/funções, incluindo questões sexuais. Utentes relataram perda da identidade, sensação de consumidos pela doença e sentindo-se dependentes dos cuidadores. Esse estudo também observou que cuidadores sofreram o impacto psicológico da angústia e frustrações do utente. E que frequentemente estiveram sozinhos e que precisavam de alguém para conversar.

Em um estudo que realizou um jogo de cartas para conversas de fim de vida com utentes com doença crônica e seus cuidadores informais, no qual a mistura de perguntas mais leves e mais sérias fazem com que jogadores compartilhem seus valores, objetivos e crenças sobre problemas de fim de vida. Esta técnica de conversação durante um jogo pode ser comparada às discussões realizadas em reuniões de grupo de apoio, já que proporciona a troca de conhecimentos e experiências entre os integrantes.

Em seguida a realização do jogo, participantes se reuniram em grupo para discutir os benefícios desta prática. Os dados do estudo de Van Scoy et al. (2017)

forneem evidências de que o jogo de conversação em fim de vida é uma experiência agradável para os pacientes e seus cuidadores, e resulta em maior envolvimento em cuidados paliativos.

Intervenções em grupo por vídeoconferência também alcançaram benefícios para os participantes. Como é existente no estudo de Taylor, Stone e Huijbregts (2012), a vídeoconferência é usada em áreas remotas para melhorar o acesso aos cuidados de saúde, realizar avaliações clínicas individuais e oferecer educação em grupo. Nessa intervenção realizada com sobreviventes de AVC e seus cuidadores, todos os membros avaliaram o acesso ao programa sem ter que percorrer longas distâncias. Relataram “sentir como se estivessem na mesma sala”, mas também reconheceram que havia limitações para participar por vídeoconferência, como um sinal da internet fraco e que muitas vezes dificultava a comunicação.

Cuidadores recrutados para intervenção online em um estudo de Vaughan et al. (2018), perceberam que o contacto pessoal é necessário para atender às suas necessidades de suporte emocional. Neste mesmo estudo, os pesquisadores observaram que os benefícios dos grupos de redes sociais dependem da capacidade da rede em facilitar as conexões sociais entre os membros. Smith, Egbert, Dellman-Jenkins, Nanna e Palmieri (2012), através também de uma intervenção online com sobreviventes de AVC e seus cuidadores informais, identificaram que esta intervenção reduziu o resultado primário de depressão para cuidadores em níveis significativos.

Ao analisar os diversos trabalhos elegidos como resultados do presente estudo, e as perspectivas dos autores quanto a relevância das práticas em grupos de apoio para utentes e familiares/cuidadores informais no cenário dos cuidados paliativos, penso que este exercício de suporte seria satisfatoriamente apropriado a estas pessoas. É pertinente que indivíduos em situação de cuidados paliativos disponham de um espaço de ajuda mútua com outras pessoas, dividindo experiências particulares, medos, inquietações, desejos, dúvidas e outros inúmeros tópicos.

A presença em grupos de apoio pode ser substancial para a organização psicológica de utentes e seus familiares/cuidadores informais, na conjuntura de cuidados paliativos, sobre a morte ou perder um ente querido. Sendo a morte um tema difícil e constrangedor para muitas pessoas, ao desconstruir mistérios e tabus torna-se plausível diminuir ou retardar a dor destes indivíduos, e possibilita aos familiares se prepararem para o momento de separação.

Portanto, cabe aos profissionais que atuam nos cuidados paliativos desenvolver espaços para esses encontros, com finalidade de disponibilizar um ambiente calmo e seguro para que pessoas tenham a oportunidade de expressar sua dor e sofrimento, numa atmosfera acolhedora, e ouvir depoimentos de pessoas que já passaram ou que compartilham de uma situação semelhante.

## 7. CONCLUSÃO

Este estudo delimitou-se em colher informações bibliográficas a respeito da execução de grupos de apoio com utentes e familiares/cuidadores informais em condição de cuidados paliativos, em diferentes bases de dados, empregando critérios de inclusão pré-determinados. Observou-se que nos últimos dez anos não foi realizado um grande número de pesquisas relacionadas ao tema em questão.

O objetivo de analisar a produção científica sobre a utilização de grupos de apoio no campo da saúde foi atingido, e o resultado de poucas bibliografias mostra a indispensabilidade em realizar-se mais pesquisas nesta área, com a intenção de suceder maior esclarecimento sobre os benefícios da utilização dos grupos de apoio, e para que essa prática seja cada vez mais aplicada.

Foi percebido que as reuniões entre pessoas que vivenciam uma situação de vida semelhante pode encorajar os integrantes a expor seus sentimentos, medos, experiências de vida, dúvidas, etc. Com o propósito de fortalecer os vínculos de confiança no decorrer das reuniões, torna-se fundamental que as sessões em grupo sejam sucedidas em um local reservado, de fácil acesso, aconchegante e acolhedor, pretendendo garantir o bem estar dos integrantes.

Baseado nos estudos analisados, é pertinente que as sessões em grupo sejam facilitadas por uma pessoa treinada ou com experiência, para estimular a participação de todos os componentes, promover diálogos contrutivos e trazer à tona tópicos específicos relevantes. É também vantajoso que os grupos não sejam formados por um grande número de participantes, de maneira que seja um momento mais intimista e que todos tenham a chance de falar, caso desejem.

Foi evidenciado que as sessões podem ser mais proveitosas se anteriormente os integrantes forem informados a respeito dos tópicos a serem abordados na reunião,

pois assim conseguem refletir previamente a respeito de cada tema que será conversado.

Entretanto, encontros presenciais podem não conseguir favorecer todos os participantes de um grupo, dado que o deslocamento até o local das reuniões pode ser difícil para alguns membros, que frequentemente dependem de um parente ou cuidador para levá-los.

Nessa perspectiva, com o objetivo de facilitar a participação de todos os membros do grupo, surge como alternativa as práticas de grupos de apoio em plataformas online ou através de vídeochamadas. Esta metodologia foi demonstrada em alguns dos estudos encontrados. Participantes relataram que, em grupos online, sentiam-se mais confortáveis para expor suas vidas e falar sobre temas íntimos e angustiantes, já que não eram vistos pelos outros membros.

No momento atual de pandemia, as reuniões por vídeochamadas ou online mostraram-se como ferramentas eficientes e capazes de obter um resultado significativo, de maneira que podem substituir os encontros presenciais dos grupos de apoio.

De modo que na maioria dos casos de cuidados paliativos o indivíduo não tem perspectiva de cura, a prática em grupos de apoio serviria como um recurso de aceitação da morte e o morrer. Considero que os grupos de apoio podem influenciar diretamente os indivíduos em cuidados paliativos a um melhor usufruto da vida em toda sua plenitude, e em revigorar as relações entre utentes e familiares/cuidadores informais, de forma que ambos sejam capazes de se preparar para o momento de despedida. Seguindo este raciocínio, o presente estudo buscou contribuir apresentando referências de prática em grupos de apoio, assim como seus benefícios.



## BIBLIOGRAFIA

Anderson W, E., Frazer S, M., Schellinger E, S. (2018). Expanding the Palliative Care Domains to Meet the Needs of a Community-Based Supportive Care Model. *American Journal of Hospice & Palliative Medicine*, 35(2), 258–265. doi: 10.1177/1049909117705061

Baker S, B., Marshal, J. & Hoffman J, C (2019). Evaluation of a charity-led secondary breast cancer support day: a model of survivorship care. *Ecancer* 13(991). doi: <https://doi.org/10.3332/ecancer.2019.991>

Benevides S., D., Pinto G. A., A., Cavalcante M., C. & Jorge B., Ms. (2010). Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 14(32), 127-138. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000100011>

Boland W, J., Reigada, C., Yorke, J., Hart P, S., Bajwah, S., Ross, J., Wells, A., ... Johnson J, M. (2016). The Adaptation, Face, and Content Validation of a Needs Assessment Tool: Progressive Disease for People With Interstitial Lung Disease. *Journal of Palliative Medicine*. 19(5):549-55. doi:10.1089/jpm.2015.0355. Epub 2016 Feb 3.

Boorkman, T. (1991). Introduction to Special Issue. *American Journal of Community Psychology*, 19 (5), 643-650.

Carduff, E., Finucane, A., Kendall, M., Jarvis, A., Harrison, N., Greenacre, J & Murray A, S. (2014). Understanding the barriers to identifying carers of people with advanced illness in primary care: triangulating three data sources. *BMC Family Practices*. 15(48), doi: <http://www.biomedcentral.com/1471-2296/15/48>

Cardoso H, D., Muniz M, R., Schwartz, E. & Arrieira O, Ic. (2013). Cuidados paliativos na assistência hospitalar: a vivência de uma equipe multiprofissional. *Texto & Contexto - Enfermagem*. 22(4). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000400032>

Cardoso, C. & Seminotti, N. (2006). O grupo psicoterapêutico no Caps. *Cienc. Saude Colet*. 11(3), p.775-83

Capelas, Lm., Silva F. S., Sc., Alvarenga S. F., Mi. & Coelho, Sp. (2014). Desenvolvimento histórico dos Cuidados Paliativos: visão nacional e internacional. *cuidados paliativos*, 1(2).

Christensen R, E., Golden L, S., & Gesell B, S. (2019). Perceived Benefits of Peer Support Groups for Stroke Survivors and Caregivers in Rural North Carolina. *North Carolina Medical Journal*. 80 (3) 143-148; DOI: <https://doi.org/10.18043/nmc.80.3.143>

Cortes, C. C. (1988). Historia y desarrollo de los cuidados paliativos. In G. S. Marcos (Org.). *Cuidados paliativos y intervención psicosocial en enfermos de câncer*. p.17-21. Las Palmas: ICEPS.

Colella, Km., Deluca, G. (2004). Shared decision making in patients with newly diagnosed prostate câncer: a model for treatment education and support. *Urol Nurs*. 24(3):187-191.

Davies, N., Mathew, R., Wilcock, J., Manthorpe, J., Sampson L, E., Lamahewa, K & Iliffe, S. (2016). A co-design process developing heuristics for practitioners providing end of life care for people with dementia. *BMC Palliative Care*, 15(68), DOI 10.1186/s12904-016-0146-z

Duarte, Ml., Carvalho, J. & Brentano, V. (2018). Perception of family members regarding the support group conducted in a psychiatric intervention ward. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 39. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-0115>.

Hermes, Héliida Ribeiro, & Lamarca, Isabel Cristina Arruda. (2013). Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2577-2588. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000900012>

Fernandes, Maria Andréa, Evangelista, Carla Braz, Platel, Indiara Carvalho Dos Santos, Agra, Glenda, Lopes, Marineide De Souza, & Rodrigues, Francileide De Araújo. (2013). Percepção dos enfermeiros sobre o significado dos cuidados paliativos em pacientes com câncer terminal. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2589-2596. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000900013>

Fratezi, Flavia Renata, & Gutierrez, Beatriz Aparecida Ozello. (2011). Cuidador familiar do idoso em cuidados paliativos: o processo de morrer no domicílio. *Ciência*

& *Saúde Coletiva*, 16(7), 3241-3248. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800023>

Frossard, A. (2016). Os cuidados paliativos como política pública: notas introdutórias. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 640-655.

Ganong, L.H. (1987). Integrative reviews of nursing research. *Res Nurs Health*. 10(1):1-11.

Glińska, J., Adamska, E., Lewandowska, M. & Kobos, J. (2012). Evaluation of the psychological state of patients with advanced cancer and the impact of support on their emotional condition. *Contemporary Oncology*. 16(6): 563–568. doi: 10.5114/wo.2012.32491

Kenten, C., Ngwenya, N., Gibson, F., Flatley, M., Jones, L., Pearce, S., ... Whelan, J. (2018). Understanding care when cure is not likely for young adults who face cancer: a realist analysis of data from patients, families and healthcare professionals. *BMJ Open*, 9, 024397. doi:10.1136/bmjopen-2018-024397

Lewis T, E., Harrison, R., Hanly, L., Psirides, A., Zammit, A., Mcfarland, K., ... Magnolia Cardona, M. (2019). End-of-life Priorities of Older Adults With Terminal Illness and Caregivers: A Qualitative Consultation. *Health Expectations*, 22(3): 405–414. doi: 10.1111/hex.12860

Mccleary, L., Thompson N, G., Venturato, L., Wickson-Griffiths, A., Hunter, P., Sussman, T & Kaasalainen, S. (2018). Meaningful connections in dementia end of life care in long term care homes. *BMC Psychiatry* 307, <https://doi.org/10.1186/s12888-018-1882-9>

Melo, Anne Cristine De, Valero, Fernanda Fernandes, & Menezes, Marina. (2013). A intervenção psicológica em cuidados paliativos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(3), 452-469. [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862013000300007&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862013000300007&lng=pt&tlng=pt).

Mendes S., K., Silveira C. P., Rc. & Galvão, Cm. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.

Monteiro, F. (1997). A ajuda mútua e reabilitação. *Análise Psicológica*, 3 (15): 449-452.

Moscheta S., M. & Santos, Ma. (2012). Grupos de apoio para homens com câncer de próstata: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(5), 1225-1233. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000500016>.

Ortiz, Js. (1999). Historia de la Medicina Paliativa. *Med paliativa*. 6(2):82–8.

Pessini, L. (2004). A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. *Humanização e cuidados paliativos*. São Paulo. p. 181-208.

Pompeo A., D., Rossi A., L. & Galvão, Cm. (2009). Revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(4), 434-438. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002009000400014>.

Ramos, P., Ramos, M.M. & Busnello, S.J. Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese.

Razavi, D & Stiefel, F. (1999). Psychiatric discords in cancer patients. *Supportive Care in Cancer: a Handbook for Oncologists*. 345–370.

Rio, Mi. & Palma, A. (2007). Cuidados Paliativos : Historia Y Desarrollo. *Boletín Esc Med U C ,Pontificia Univ Católica do Chile*. 32(1):16–22.

Saunders, C. (2006) The Evolution of Palliative Care. Cicely Saunders - Selected writings 1958-2004. *Oxford: Oxford University Press*; p. 263–8.

Silveira C. P., Rc. & Galvão, Cm. (2005). O cuidado de enfermagem e o cateter de Hickman: a busca de evidências. Ribeirão Preto: *Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto*.

Spencer J, R., Ray, A., Pirl F, W. & Prigerson G, H (2012). Clinical Correlates of Suicidal Thoughts in Patients with Advanced Cancer. *Journal Geriatric Psychiatry*. 20(4): 327–336. doi: 10.1097/JGP.0b013e318233171a.

Soares, B. (2000). Pacientes X cuidadores: os dois pólos da relação no cuidado domiciliar da AIDS. Ribeirão Preto.

Soares, Cassia Baldini, Hoga, Luiza Akiko Komura, Peduzzi, Marina, Sangaleti, Carine, Yonekura, Tatiana, & Silva, Deborah Rachel Audebert Delage. (2014). Integrative Review: Concepts And Methods Used In Nursing. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 335-345. <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>

Souza T., M., Silva D., M. & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.

Sternsward, J., Foley, K. & Ferris, F. (2004). The Public Health Strategy for Palliative Care. *J Pain and Symptom Manage*. 33(5): 486-93.

Sternsward, J. & Clark, D. (2004). Palliative Medicine - a global perspective. *Oxford Textbook of Palliative Medicine*. 3rd ed. p. 1199–224.

Stefanelli, MC. (1993). Comunicação com o paciente: teoria e ensino. São Paulo: Robe.

Taylor M, D., Stone D, S. & Huijbregts P, M. (2012). Remote Participants' Experiences With a Group-Based Stroke Self-Management Program Using Videoconference Technology. *Rural and Remote Health*. 12(1947). [www.rrh.org.au/journal/article/1947](http://www.rrh.org.au/journal/article/1947).

Ursi, E.S. (2005). Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto*.

Van Scoy J, L., Reading M, J., Hopkins, M., Brandi Smith, B., Dillon, J., ... Levi H, B. (2017). Community Game Day: Using an End-of-Life Conversation Game to Encourage Advance Care Planning. *Journal of Pain and Symptom Management*. 54(5):680-691. doi: 10.1016/j.jpainsymman.2017.07.034.

Van Der Steen T, J., Dekker L, N., Gijsberts E H, Mj., Vermeulen H, L., Mahler M, M., The, B Am (2017). Palliative Care for People With Dementia in the Terminal Phase: A Mixed-Methods Qualitative Study to Inform Service Development. *BMC Palliative Care*. 16(1):28. doi: 10.1186/s12904-017-0201-4.

Watt H, M., Aronin H, E., Maman, S., Thielman, N., Laiser, J. & John, M. (2010). *Journal Global Public Health*, 6. <https://doi.org/10.1080/17441692.2010.494162>.

World Health Organization (2002). National cancer control programmes: policies and managerial guidelines. 2nd Ed. Geneva.

Wright, M., Wood, J., Lynch, T. & Clark, D. (2008). Mapping levels of palliative care development: a global view. *J Pain Symptom Manage*. 35(5):469–85. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18243637>.

